

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

JAILTA MARIA DA SILVA
JOSÉ WELTON DE OLIVEIRA

**O DEBATE ENTRE A QUESTÃO SOCIAL
E A POPULAÇÃO NEGRA:
considerações sobre as contribuições do
Serviço Social**

RECIFE/2021

JAILTA MARIA DA SILVA
JOSÉ WELTON DE OLIVEIRA

**O DEBATE ENTRE A QUESTÃO SOCIAL
E A POPULAÇÃO NEGRA:
considerações sobre as contribuições do
Serviço Social**

Monografia apresentada ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Professoras orientadoras: Ma. Maricelly Costa Santos
Ma. Lylian José Félix da Silva Cabral

RECIFE/2021

S586d

Silva, Jailta Maria da

O debate da questão social e a população negra: considerações sobre as contribuições do serviço social. / Jailta Maria da Silva; José Welton de Oliveira - Recife: O Autor, 2021.
22 p.

Orientador: Ma. Maricelly Costa Santos; Coorientador: Ma. Lylían José Félix da Silva Cabral

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Serviço Social, 2021

1. Questão Social. 2. Racismo estrutural. 3. Serviço Social. I. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 364

JAILTA MARIA DA SILVA
JOSÉ WELTON DE OLIVEIRA

**O DEBATE ENTRE A QUESTÃO SOCIAL
E A POPULAÇÃO NEGRA:
considerações sobre as contribuições do
Serviço Social**

Artigo aprovado como requisito para obtenção do título de bacharel em Serviço Social pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA - por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Orientadora

Orientadora

Professor(a) Examinador(a)

Professor(a) Examinador(a)

Recife, ____ de _____ de 2021.

NOTA: _____

Aos Professores da Unibra e aos nossos ancestrais.

“Quando digo: - ‘Sou negro’, entendo-me em toda dimensão humana da palavra (nascimento, ascendência, crescimento, nacionalidade, morte, memória e, com isso, toda sorte de sentimentos, emoções, razões e experiências existenciais) que encerra situações passadas, presentes e futuras vividas pelo meu povo. Eu nele.”

Silva, 1985

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me dá forças todos os dias para permanecer lutando a cada dia. À minha família que é minha base e a todos os meus amigos que me incentivaram e me aconselharam a não desistir dos meus sonhos.

JAILTA MARIA DA SILVA

Aos meus pais, Wilson e Graça, e ao meu irmão Wilton, que sempre acreditaram, apoiaram e me incentivaram a seguir em frente, vencendo os obstáculos e enfrentando os problemas com ética e honestidade. Seus exemplos são e serão sempre o meu farol. Por mais difíceis e turbulentas que sejam as águas por onde navegarei, não perderei de vista os meus objetivos, pois suas luzes estarão sempre a me guiar. Obrigado!

JOSÉ WELTON DE OLIVEIRA

Aos professores que fazem parte da instituição UNIBRA que, com grande dedicação, compreensão e esforços, transmitiram seus conhecimentos e experiências de vida, especialmente às professoras Ma. Maricelly Costa Santos e Ma. Lylian José Félix da Silva Cabral, que nos orientaram e acreditaram na possibilidade da realização deste trabalho, e que tornou possível a execução e conclusão desta monografia.

Agradecemos muito!

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Reflexos de uma sociedade racista.....	26
Quadro 2: Reflexos das desigualdades sociais.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DELINEAMENTO METODOLÓGICO	13
3	REFERENCIAL TEÓRICO	14
	3.1 O Contexto Histórico da Questão Social	14
	3.2 O Racismo enquanto Problema Estrutural	19
4	RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO	23
	4.1 Contribuições do Serviço Social para o debate entre a Questão Social e a População Negra	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	31

O DEBATE ENTRE A QUESTÃO SOCIAL E A POPULAÇÃO NEGRA: considerações sobre as contribuições do Serviço Social

JAILTA MARIA DA SILVA¹
JOSÉ WELTON DE OLIVEIRA²
Ma. MARICELLY COSTA SANTOS³
Ma. LYLIAN JOSÉ FÉLIX DA SILVA CABRAL⁴

RESUMO: A Questão Social tem sua gênese como produto do sistema capitalista. Sistema esse que é contraditório em essência, pois aqueles que mais produzem riquezas são os mais pobres. Além disso, devido à lei geral de acumulação, as desigualdades são consolidadas, as quais estão mais latentes na população negra. Nesse contexto, partindo do ponto de vista de que o Serviço Social tem o compromisso em atender às demandas da população, o objetivo desse artigo é analisar as contribuições do Assistente Social entre o debate da Questão Social e o racismo. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, a partir das bases de dados online do Google acadêmico e do SciElo, usando o filtro de 2016 a 2022. Além de utilizar autores renomados através de livros e outras produções acadêmicas. O estudo mostrou que, enquanto existir o sistema capitalista, as expressões da questão social farão parte da sociedade, uma vez que a base do capitalismo força a existência da classe opressora e da classe oprimida. Também verificou-se que desde a colonização o racismo já existia, visto que a sociedade brasileira foi construída a custo de muita exploração e opressão dos povos negros, o que fez com que esse processo se tornasse estrutural e suas consequências fossem naturalizadas. O estudo finaliza apresentando algumas contribuições que podem ser realizadas pelo Assistente Social diante desse debate, entre elas, intervir na realidade social existente, lutar por novos direitos e concretizar direitos já garantidos.

Palavras chaves: Questão Social. Racismo estrutural. Serviço Social.

ABSTRACT: The Social Question has its genesis as a product of the capitalist system. This system is contradictory in essence, as those who produce the most wealth are the poorest. Furthermore, due to the general law of accumulation, inequalities are consolidated, which are more latent in the black population. In this context, from the point of view that Social Service is committed to meeting the demands of the population, the aim of this article is to analyze the contributions of the Social Worker between the debate on the Social Question and racism. The methodology used was a literature review with a qualitative approach, based on online databases from Google academic and SciElo, using the filter from 2016 to 2022. In addition to using renowned authors through books and other academic productions. The study showed that, as long as the capitalist system exists, the expressions of the social question will be part of society, since the basis of capitalism forces the existence of the oppressive class and the oppressed class. It was also found that racism had already existed since colonization, since Brazilian society was built at the cost of much exploitation and oppression of black people, which made this

process structural and its consequences naturalized. The study ends by presenting some contributions that can be made by the Social Worker in the face of this debate, including intervening in the existing social reality, fighting for new rights and realizing already guaranteed rights.

Key words: Social Issues; Structural racism; Social Service.

¹ Jailta Maria da Silva – Acadêmica de Serviço Social UNIBRA – jailtasilva452@gmail.com

² José Welton de Oliveira – Acadêmico de Serviço Social UNIBRA – welton.ep@hotmail.com

³ Ms. Maricelly Costa Santos – Mestra em Serviço Social – maricelly.costa@grupounibra.com

⁴ MS. Lylian José Félix da Silva Cabral – Mestra em Serviço Social – lylian.cabral@grupounibra.com

1 INTRODUÇÃO

A Questão Social interfere de modo negativo na vida das pessoas que vivem sob a exploração do sistema capitalista e os problemas sociais existentes são decorrentes desse processo.

Para uma melhor compreensão, sobre o fenômeno da Questão Social, será adotada a definição de Damásio (2016), a qual a define como uma contradição do sistema capitalista, uma vez que quem produz não se apropria da riqueza que deriva de suas produções. E com isso, várias expressões são evidenciadas, entre elas, desemprego, fome, pobreza e preconceito.

Sobre esse aspecto, Gonçalves, Souza e Silva (2019) afirmam que mazelas sociais como pauperização, falta de salário mínimo determinado, longas jornadas de trabalho, exploração, entre outras, fazem parte do cenário do modelo capitalista, o qual deu início ao processo de industrialização com inserção de máquinas em meados do século XVIII. Nesse sentido, infere-se que a Questão Social emerge das desigualdades inerentes ao capitalismo, ou seja, esse sistema, em sua razão de ser, possibilita a ocorrência das expressões da Questão Social, as quais se tornam objetos de lutas para os trabalhadores que se sentiam explorados, esquecidos, menosprezados, bem como a margem da sociedade.

Quando se fala em racismo, percebe-se que esse fenômeno é anterior à relação capital e trabalho. Almeida (2016) defende que não se pode entender o racismo apenas com questões atreladas aos sistemas políticos e econômicos, uma vez que o racismo é histórico e estrutural. Além disso, o autor pontua que a estrutura do racismo possui uma dinâmica muito particular, ou seja, ela vai se comportar conforme cada formação social. Gonçalves, Souza e Silva (2019) destacam que o racismo advém do processo de exploração mercantil da Europa e utilizava como fonte de exploração a força de trabalho do continente Africano.

O racismo é anterior ao processo de industrialização, das lutas de classes e do surgimento das expressões da Questão Social. Argumenta-se que, embora não sendo uma expressão da Questão Social, o racismo se faz presente, se nutre, potencializa e transversaliza essas expressões, com isso Damásio (2016) pontua que é necessária a intervenção do Estado, dos empresários e da sociedade, intervenções essas que sejam voltadas para reduzir injustiças sociais e

desigualdades, a fim de que a população seja autônoma e que a cidadania, bem como a democracia, sejam fortalecidas.

Nesse sentido, destaca-se a ação do Serviço Social dentro da Questão Social que, de acordo com Martins (2014), diz respeito ao alicerce de seu exercício profissional, bem como sua formação. Ainda, segundo o mesmo autor, no decurso dos anos, essa profissão tem se mostrado resistente à dominação de classe e às explorações, tanto do ponto de vista prático quanto teórico. A atuação do Assistente Social está longe de findar, uma vez que o sistema capitalista é o vigente e precisa de mão de obra que se curve diante de suas práticas e intenções, logo, entende-se que questões como o racismo e desigualdades sociais sempre existirão, no entanto, as contribuições do Serviço Social podem ser utilizadas para que esses problemas sejam minimizados.

Dessa forma, a pergunta que norteou este trabalho foi: De que forma o Assistente Social pode contribuir para minimizar o racismo presente nas expressões da Questão Social? O Objetivo geral foi: Analisar as contribuições do Serviço Social para o debate entre a Questão Social e a população negra. Para melhor compreensão do trabalho, foram estabelecidos três objetivos específicos, são eles: Identificar a origem da Questão Social no Brasil; Compreender o racismo enquanto problema estrutural; Compreender a atuação do Assistente Social na relação entre a Questão social e o racismo.

A presente pesquisa é relevante, tendo em vista que dados estatísticos mostram o quanto a população negra é afetada com o racismo existente dentro da Questão Social. Observamos em um estudo realizado pelo IBGE em 2018, intitulado *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*, que buscou analisar as desigualdades existentes entre os brancos e pretos, ou pardos, relacionadas ao trabalho, à educação, à distribuição de renda, entre outros. Destaca-se dentro desta pesquisa que, observando o mercado de trabalho, os pretos ou pardos possuem 64,2% de pessoas desocupadas e 66,1% de pessoas em subutilização (IBGE, 2018). Além disso, a pesquisa mostrou que quando analisam pessoas com nível superior completo, os brancos ganham por hora 45% a mais que os negros.

Nesse sentido, esse cenário revela como o racismo impacta na vida das pessoas negras, portanto, investigar esse processo trará esclarecimentos de como esse fenômeno pode ser combatido. Logo, essa pesquisa é importante por proporcionar conhecimentos sobre essa temática tão relevante, bem como

contribuirá para prevenir o aumento das expressões da Questão Social. Assim, esse estudo se justifica pelo fato de possibilitar o debate, revelando como a Questão Social ocorre e como a população negra é afetada devido ao racismo crescente ao longo da história. Para além disso, esse estudo se justifica pela escassez de materiais relacionando as contribuições do Serviço Social dentro da Questão Social, especialmente quanto ao racismo, logo, essa pesquisa trará impacto acadêmico.

O presente trabalho foi motivado pela experiência de estarmos inseridos em contextos sociais nos quais o racismo se faz presente, de maneira clara ou subjetiva, bem como da observação do quanto as pessoas negras, especialmente amigos e familiares, sofrem não só com os problemas decorrentes das expressões da Questão Social, mas principalmente com o agravamento desses problemas pelo fato de serem negros. Dessa forma, abordamos esse tema buscando trazer para o Serviço Social uma contribuição relevante para a sua política, visando ampliar o debate entre a Questão Social e a população negra para a efetiva promoção e viabilização de direitos dessas pessoas.

O trabalho está dividido em quatro tópicos. No primeiro apresentamos o contexto histórico da Questão Social e do capitalismo no Brasil. No segundo tópico, abordamos a questão do racismo enquanto problema estrutural e anterior ao processo de industrialização no país. No terceiro, observamos como o Serviço Social se insere no debate entre a Questão Social e a população negra, e finalizamos com as considerações sobre a importância de se ampliar esse debate e as atuações do Serviço Social e do Assistente Social com relação à população negra.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Para uma melhor compreensão do tema, este trabalho será elaborado por meio da pesquisa bibliográfica. Conforme Marconi e Lakatos (2017), pesquisa bibliográfica tem por objetivo estudar um determinado assunto, é uma pesquisa teórica e busca entender a realidade do universo pesquisado, nesse sentido, ela não apenas torna a escrever partes de textos, pelo contrário, é um exercício que contribui para obter uma visão crítica do tema analisado.

Em relação à abordagem, a escolhida foi a qualitativa, que busca compreender e interpretar a lógica interna dos participantes estudados, conferindo-

lhes o conhecimento de sua verdade, além de despertar a compreensão, a descrição e a análise da realidade por meio do desempenho das relações sociais (TAQUETTE; MINAYO, 2015).

No que diz respeito à fonte da pesquisa, ela será através de dados secundários. Os dados secundários, segundo Kotler e Keller (2012), são aqueles que foram coletados em outro momento para outro objetivo e podem ser localizados em quaisquer lugares. A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados: Google acadêmico e SciElo, além de livros e da legislação.

Foram colocados os seguintes descritores: Questão Social; Expressões da Questão Social; Racismo estrutural; Contribuições do Assistente Social. Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: terem sido publicados nos últimos cinco anos e estarem disponíveis na íntegra. Obedeciam aos critérios de exclusão aqueles artigos que se repetiam e os que não estavam integralmente disponíveis de forma gratuita.

Os livros e as legislações citados não estão enquadrados no intervalo de tempo estabelecido, uma vez que é primordial citar autores renomados, que por sua vez são de anos anteriores a 2015. Assim, este estudo teve como base as contribuições teóricas de Iamamoto (2001) e (2004), Iamamoto e Carvalho (1995), Netto (2013) e Pastore (2010).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O Contexto Histórico da Questão Social

A Questão Social é um fenômeno que está ligado ao empobrecimento do trabalhador. Ao longo da história desse construto, vários autores trazem discussões sobre suas raízes. A Questão Social apontada por Pimentel (2016), quando apresentada sobre uma base material, é fundamentada por raízes na Lei Geral de Acumulação Capitalista, que está ligada à pobreza, e quando apresentada sobre a base política possui raízes organizacionais, ou seja, relacionada à luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho.

Sobre esse aspecto, antes da composição do capitalismo maduro, a pobreza era apontada basicamente pela escassez, e as mazelas existentes, nessa época, eram frutos de guerras, pestes e/ou fenômenos da natureza (Almeida, 2019). Já no contexto da sociedade capitalista, a pobreza se materializa com o desenvolvimento

de novas forças produtivas e de forma reversa, pois a existência da expansão de produção e inserção de mercados mundiais gera abundância de produção e, mesmo assim, a pobreza é materializada devido à lei absoluta da acumulação de capital. Segundo Pimentel (2016):

Em linhas gerais, a lei absoluta geral da acumulação capitalista consiste no fato de que quanto mais o exército industrial de reserva cresce em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto mais se materializa a superpopulação relativa. Portanto, quanto maior for a camada miserável da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, maior será o pauperismo oficial (PIMENTEL, 2016, p.5).

Desse modo, para a autora supracitada, o pauperismo é parte integrante da lógica do processo de acumulação, pois, quanto mais crescia o exército industrial de reserva (desempregados), mais facilmente o exército de trabalhadores ativos era obrigado a se submeter aos imperativos do capital. Diante disso, um cenário foi sendo consolidado, pois, por um lado existiam muitas pessoas desempregadas, e por outro lado os que trabalhavam estavam sob fortes explorações e humilhações, ocasionando uma pressão e desencadeando assim o fato de se organizarem para enfraquecer esse sistema. E é nesse contexto que se fundamenta a raiz política.

De acordo com Almeida (2019), a raiz política é fundamentada por meio da manifestação organizada da classe trabalhadora que buscava melhores condições de vida e também de salário. O fato é que quando os trabalhadores se depararam com as condições de miserabilidade, eles desenvolveram a consciência de que a classe burguesa era privilegiada e não sofria exploração. Assim, reivindicações começam a surgir como aponta Pimentel (2016):

A reivindicação sobre ensino obrigatório e sobre regulamentação do trabalho das mulheres engrossa a pauta da pressão dos trabalhadores. Aumenta a pressão sobre o Estado, via partidos políticos e sindicatos, reivindicando sua intervenção na esfera econômica e social, em termos de regulamentação do mercado de trabalho e medidas com significado para a melhoria de suas condições de vida. A extensão dos princípios da legislação fabril a outros espaços sociais de trabalho como as minas e a agricultura tende a se acentuar (PIMENTEL, 2016, p.6).

Diante desse contexto, faz-se necessário retroagir a alguns séculos para compreender o próprio capitalismo e para destacar a teoria social de Marx, a qual pontua que, dentro do sistema capitalista, há uma condição intrínseca das relações sociais existentes entre os homens; relacionadas por usufruto privativo dos recursos na mão de uma parte minoritária, sendo determinante, assim, a origem de outra

classe, composta por aqueles que possuíam unicamente a sua força de trabalho (COSTA; SALES; BARCELOS, 2018).

Essa condição intrínseca diz respeito ao fato de que o próprio sistema em que o capitalismo está embasado proporciona as desigualdades. Nesse sentido, as mazelas que a sociedade passa são simplesmente resultados de um sistema que foi projetado para gerar tais consequências, ou seja, a existência de uma classe opressora que possui bens e controla tudo e outra classe oprimida que é despossuída e não controla nada. Esse cenário é condição natural desse processo para que ele seja sustentado. Assim, Martins (2014) pontua:

A revolução industrial significou algo mais do que a introdução da máquina a vapor e dos sucessivos aperfeiçoamentos dos métodos produtivos. Ela representou o triunfo da indústria capitalista, capitaneada pelo empresário capitalista que foi pouco a pouco concentrando as máquinas, as terras e as ferramentas sob o seu controle, convertendo grandes massas humanas em simples trabalhadores despossuídos. (MARTINS, 2014, p. 5-6).

Sobre esse aspecto, Gonçalves, Souza e Silva (2019), destacam que existem aspectos diferentes ao entender a Questão Social e a configuração como ela se sustenta, destacando sua manifestação na contradição entre a produção coletiva e a apropriação privada, a qual está ligada por meio do movimento de luta de classes trabalhadoras e da investigação da potência de trabalho humano. Desse modo, Damásio (2016), aponta que:

A questão social então seria o conjunto das desigualdades e injustiças sociais que, ao longo de centenas de anos, adquiriu diferentes formas. São as expressões das desigualdades sociais, oriundas do modo de produção capitalista que vão dar significado ao conceito que é a questão social. Mas principalmente, são elas que vão fazer surgir um movimento por parte dos trabalhadores insatisfeitos com suas condições de trabalho e de toda uma população socialmente excluída (DAMÁSIO, 2016, p.4).

Nesse sentido, a desigualdade e a concentração de renda, que se intensificam nas atuais formas de acumulação capitalista, resultam de mudanças na esfera da produção, associadas à nova hegemonia liberal financeira, e trazem como consequências o agravamento da Questão Social e suas expressões na vida da classe trabalhadora (YAZBEK; RAICHELIS; SANT'ANA, 2020).

Assim, a gênese da Questão Social é explicada pelo processo de acumulação ou reprodução ampliada do capital: a incorporação pelos capitalistas das inovações tecnológicas, tendo em vista o aumento da produtividade do trabalho social e diminuição do tempo de trabalho socialmente necessário à produção de

mercadorias, produz um movimento simultâneo de aumento do capital constante e diminuição do capital variável, empregado na força de trabalho (SANTOS, 2008).

Por isso, Santos (2017) pontua que o desenvolvimento tecnológico tem contribuição nos índices de desemprego, pois sua utilização no interior das leis que reproduzem o capitalismo está diretamente subordinada ao processo de valorização do capital, ou seja, quem permanece trabalhando é mais explorado com a intensificação das horas de trabalho e passa a tornar dispensáveis muitos outros trabalhadores.

Entretanto, cabe destacar que o desemprego não é resultante apenas do desenvolvimento tecnológico, uma vez que outros fatores justificam a existência da classe trabalhadora não ter um emprego com dignidade como, por exemplo, a existência da lei geral da acumulação, a qual busca cada vez mais aumento de produção e reserva de acumulação.

Conforme Souza *et al.* (2020), no decorrer dos anos, o aumento da exploração da mão de obra e o desemprego elevado concebem a formação da organização dos trabalhadores, tendo em vista as precárias condições de vida e de trabalho também que se tornavam cada vez mais miseráveis. Segundo os mesmos autores, o nível de precariedade era tão grande e o nível era tão desumano que a taxa de sobrevivência da classe dominante era três vezes maior que a classe oprimida, ou seja, enquanto os trabalhadores viviam até os 21 anos, os patrões viviam, em média, até os 63.

Sobre essa perspectiva, tem-se a luta da classe trabalhadora por melhores condições de trabalho e de vida, a qual se remete a entender que a Questão Social é natural ao modo de produção capitalista no seu processo de assalariamento da classe trabalhadora e das derivações trazidas por meio da exploração da força de trabalho humano e da acumulação da propriedade privada, na qual, outros/as tantos/as precisam sofrer para que para um/a possa acumular (GONÇALVES; SOUZA; SILVA, 2019).

No Brasil, o capitalismo aconteceu de forma tardia tendo em vista a forma como o país foi colonizado e como o modelo de produção demorou a ser implantado aqui, e esse fato é observado pelos meios de sobrevivência e de trabalho serem diferentes dos outros países, uma vez que a colonização foi uma realidade bastante duradoura. Contudo, a partir do momento que a Questão Social mostra sua face aos

brasileiros traz desastrosas consequências e perdura até os dias atuais. Como aponta Iamamoto (2018):

A questão social brasileira, nos contraditórios tempos presentes, assume configurações e expressões que condensam múltiplas desigualdades mediadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico-raciais, mobilidades espaciais, formações regionais e disputas ambientais, colocando em causa amplos segmentos da sociedade civil no acesso aos bens da civilização. Dispondo de uma dimensão estrutural — enraizada na produção social contraposta à apropriação privada do trabalho — a questão social atinge visceralmente a vida dos sujeitos numa luta aberta e surda pela cidadania, no embate pelo respeito aos direitos civis, sociais e políticos e aos direitos humanos (IAMAMOTO, 2018, p. 72).

Desse modo, a Questão Social é, nesse sentido, o conjunto das expressões que fazem parte do processo de construção e do desenvolvimento da classe operária, bem como o nascedouro dessa classe no campo político, diante do fato de que o trabalhador deixa a condição de “classe em si” e agora passa à condição de “classe para si”, ou seja, reconhecem a importância que possuem e lutam em busca disso (COSTA; SALES; BARCELOS, 2018).

Nessa perspectiva, as transformações da Questão Social se ampliam e se tornam complexas diante de um contexto caracterizado por altas taxas de analfabetismo, baixos índices de escolaridade, desigualdade social, pobreza, entre outros aspectos. Portanto, a Questão Social no Brasil “expressa disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais” (IAMAMOTO, 2001, p.17).

Contudo, para a ótica do conservadorismo, não é assim que funciona, tendo em vista que o objetivo é colocar as expressões da Questão Social como algo natural, no sentido de que essas manifestações fazem parte de qualquer estrutura social e que as possíveis soluções devem ser praticadas, desde que não causem impactos na ordem econômica social estabelecida. Assim, Netto (2013) traz a visão desses conservadores:

Entre os ideólogos conservadores laicos, as manifestações da “questão social” (acentuada desigualdade econômico-social, desemprego, fome, doenças, penúria, desproteção na velhice, desamparo frente a conjunturas econômicas adversas etc.) passam a ser vistas como o desdobramento, na sociedade moderna (leia-se: burguesa), de características inelimináveis de toda e qualquer ordem social, que podem, no máximo, ser objeto de uma intervenção política limitada (preferentemente com suporte “científico”), capaz de amenizá-las e reduzi-las através de um ideário reformista (aqui, o exemplo mais típico é oferecido por Durkheim e sua “escola” sociológica) (NETTO, 2013, p.5).

Entretanto, não é isso o que a literatura revela, tendo em vista a forma como o capitalismo foi o grande protagonista das mazelas que compõem a Questão Social, devido à sua lei geral de acúmulo de capital, opressão da classe operária, exploração nas relações de trabalho, confirmando que a Questão Social é constitutiva do capital. Por isso, Netto (2013) vai pontuar que a Questão Social é um produto do desenvolvimento capitalista e que é impossível mitigá-la enquanto o capitalismo for conservado, uma vez que a existência das diferentes manifestações não são sequelas transitórias, mas sim indissociáveis do regime do capital.

Partindo do ponto de vista de Gonçalves, Souza e Silva (2019), ao relacionar as expressões da Questão Social, o racismo também se nutre das importantes desigualdades desenvolvidas ao longo da história, e essa relação está no ponto central da razão capitalista de construção eminentemente devastadora e exclusiva, a qual reproduz a miséria e a restrição, alimentada na diferença da distribuição de riquezas produzidas socialmente. Por isso, declarar o racismo como expressão da Questão Social é não reconhecer o conhecimento de que seu início foi com o processo de colonização, o que antecede o início da Questão Social no período da industrialização no Brasil (SOUZA; SILVA, 2019), como trataremos no próximo tópico.

Por esse motivo, compreende-se que, ao abordar o racismo unicamente como uma expressão da Questão Social, é praticar dois amplos equívocos: o primeiro, de desmentir o processo de construção sócio histórico brasileiro e, em segundo lugar, de apagar o conhecimento sobre o que origina a Questão Social e suas expressões (GONÇALVES; SOUZA; SILVA, 2019). Contudo, para tratar da Questão Social e suas particularidades no Brasil, é indispensável que se faça uma reflexão de momentos que marcaram de alguma forma a chegada do capitalismo na formação social brasileira e, posteriormente, seus desdobramentos neste cenário (COSTA; SALES; BARCELOS, 2018).

3.2 O Racismo enquanto Problema Estrutural

Para compreender o racismo, faz-se necessário abordar questões do século XVI, ou seja, desde a colonização do Brasil. Segundo Schwarcz (1993), quando os portugueses “aqui” chegaram em 1500, diferentemente de ser “descoberto” como apontam as literaturas que tratam sobre esse tema, o território foi invadido com intuito de ser explorado pelos europeus. Gonçalves, Souza e Silva (2019), apontam

que em torno de 1530, logo em seguida da sua descoberta, os estrangeiros que aqui chegaram iniciaram o processo de ocupação das terras e, para que isso acontecesse, além da presença dos colonizadores, sua apropriação demandava de pessoas aptas ao trabalho, sem que a força desse trabalho fosse necessariamente paga.

Nesse contexto, argumenta Goes *et al.* (2018) que, devido à necessidade de aumentar a produção colonial, em 1535, os colonizadores brancos legalizaram a escravidão no Brasil dando início ao tráfico dos povos africanos originários do Congo, Zimbábue e Cabo Verde, costa oeste da África, entre eles mulheres e homens mulçumanos, bantus e guienos-sudaneses, que eram capturados à força para o Brasil como mercadorias, de forma desumana, sendo forçados a trabalhar e sendo explorados, dando início, no Nordeste brasileiro, à produtividade na agricultura açucareira.

Essa postura foi necessária porque diante das demandas e das observações feitas por esses colonizadores que, ao se depararem com a população que já habitava essa nova terra recém-descoberta, no caso os índios (povos originários), estes não serviam para o trabalho que se pretendia, uma vez que lidavam com a terra de forma muito particular.

Os estrangeiros entenderam que estes/as não eram aptos/as aos trabalhos que lhe rendessem a apropriação de especiarias, entre outros produtos. Possuíam, no entendimento acima, formas particulares de lhe dar com a terra e possuíam jeitos peculiares de se relacionar. Dessa forma, não era possível utilizar a mão de obra indígena para explorar estas terras, apesar das tentativas violentas. Com essas iniciativas frustradas, logo se inicia um processo de tráfico de pessoas negras provenientes do Continente Africano com intuito de utilizar a força humana para atender à sua demanda mercantil (GONÇALVES; SOUZA; SILVA, P. 2-3).

O negro escravizado, e agora em território brasileiro, fazia parte de uma população que já foi incorporada ao Brasil como uma categoria subalterna, subjugada e inferior, de forma bastante preconceituosa e racista, o que leva à reflexão de como era a condição de chegada e de vida a que estavam sujeitados esses novos habitantes do Brasil (GOES *et al.*, 2018).

Diante de tais fatos, tornam-se evidentes quais os interesses por trás da escravização do negro pelo homem branco europeu ao se apropriar das riquezas do Brasil usando uma mão de obra escrava, não medindo as consequências dos seus atos. Desse modo, o negro não era visto como igual ao homem branco, mas sim como uma mercadoria bastante lucrativa e isso pode ser observado desde o

transporte dos escravizados que chegavam a nossas terras, na condição de mercadorias, como aponta Santos (2016):

Os comerciantes de escravos portugueses vendiam os negros africanos como se fossem mercadorias. O transporte das mulheres negras e homens negros africanos era realizado através de embarcações chamadas de navios negreiros ou tumbeiros. Este comércio se tornou lucrativo, trouxe riqueza e poder aos donos de tais embarcações. O roteiro destas embarcações iniciava-se em portos africanos onde seus comandantes esperavam pelo embarque da "mercadoria", que era encaminhada pelos sócios africanos dos comerciantes de escravos. Eram esses africanos os responsáveis por capturar no interior do continente os povos que iriam encher os porões dos barcos. Os sócios africanos separavam propositalmente os negros e negras de suas famílias para evitar possíveis rebeliões (SANTOS, 2016, p. 15).

De acordo com Williams (2012), em sua obra *Capitalismo e Escravidão*, racismo é consequência direta da escravidão, não sendo esta advinda do racismo. O autor ainda nos conduz a uma desconstrução de afirmações, no sentido de que a escravização de africanos deveu-se a fatos como a preguiça dos indígenas e a fragilidade dos brancos europeus para o trabalho diante das condições climáticas do Brasil tropical. Williams aponta que o sucesso do capitalismo mercantil tinha necessidade de grande emprego de mão de obra, o que provocou a escravização de povos negros.

Tratados como objetos e mercadorias, a população negra que tem sua condição de vida justificada pelo racismo, ou seja, apenas por serem pretos, enfrentaram tais situações mesmo em 1888, quando ocorreu o fim da escravidão no país, por meio da Lei 3.353 em 13 de maio de 1888, Lei Áurea, que foi assinada pela princesa Isabel. Essa lei em seu artigo primeiro declara a extinção, desde a sua data, da escravidão no Brasil (BRASIL, 1988). Segundo Goes *et al.* (2018), esse processo de abolição contou com a luta dos negros escravizados e dos recém-libertos, como também com a pressão internacional, que não via mais a escravidão como sendo útil para a fase do capitalismo que se iniciava no Brasil.

Nesse sentido, infere-se que o racismo já está presente nessa etapa de colonização, ou melhor, essa fase é a sua nascente. Gonçalves, Souza e Silva (2019) apontam que esse movimento praticou as mais variadas formas de violência a milhões de pessoas, de nações e culturas diferentes, com o objetivo da escravização nas Américas. Ainda, segundo os mesmos autores, o racismo compreende um fenômeno de escala mundial, e a sua construção na sociedade brasileira se institui no processo de colonização, dentro do processo de definição da estrutura da sociedade.

No pós-abolição, o racismo enquanto elemento fundamental para a manutenção da estrutura social desigual fica evidenciado pela permanência da condição do negro enquanto subalterno. O que se observa é que, mesmo após ter sido formalmente liberto com a promulgação do decreto número 3.353, de 13 de maio de 1888 (ou Lei Áurea), tal liberdade foi condicionada de acordo com os limites que o Estado brasileiro impôs. O negro, mesmo na condição de liberdade, continuou aprisionado a um status social cuja cor da pele o denunciava como inferior, independente da classe social (GOES *et al.*, 2018, p. 4-5).

Posteriormente à abolição e início do processo de industrialização, esse cenário continuou propagando a prática do racismo, tendo em vista que a condição dos ex-cativos no pós-abolição não superou sua condição de subalternização na sociedade, pois, mesmo com a chegada da industrialização, eles ainda enfrentaram o racismo estrutural e continuaram sendo proibidos aos espaços de poder, fazendo com que não ascendessem socialmente. Segundo Almeida (2018), o racismo estrutural se trata de um processo histórico, político e social, que naturaliza o racismo e cria condições para que grupos identificados racialmente sejam, de forma sistemática, discriminados.

Como citado anteriormente, a sociedade se estruturou em uma concepção racista de enxergar o negro como inferior, junto ao Estado que contribuiu para que o racismo fosse reforçado no país, não oferecendo meios para que os negros saíssem da sua condição de subalternidade e vulnerabilidade social, os impedindo que ascendessem socialmente, mesmo após a promulgação da Lei Áurea. Assim se estruturou a sociedade brasileira, jogando o povo negro para a marginalidade e não oferecendo possibilidades para o progresso dessa população, contribuindo com a ascensão social dos brancos e fechando os olhos para a população negra, o que tornou o racismo estrutural e estruturante.

Conforme todo o exposto, alguns aspectos foram destacados, como a colonização no Brasil no século XVI que colocou a população negra à margem da sociedade, fruto do racismo, e a revolução industrial na Europa no século XVIII, a qual levantou a Questão Social e as expressões da Questão Social que se manifestaram por meio da pobreza, violência, desemprego, falta de moradia, discriminação e tantos outros problemas. Contudo, o racismo já massacrava a população negra no Brasil três séculos antes. Assim, registram-se alguns pontos-chaves na estrutura da Questão Social, conforme Pastorini (2010):

Sua estrutura tem três pilares centrais: em primeiro lugar, podemos afirmar que a “questão social” propriamente dita remete à relação capital/trabalho (exploração), seja vinculada diretamente com o trabalho assalariado ou com o “não trabalho”; em segundo, que o atendimento da “questão social”

vincula-se diretamente àqueles problemas e grupos sociais que podem colocar em xeque a ordem socialmente estabelecida (preocupação com a coesão social); e finalmente, que ela é expressão das manifestações das desigualdades e antagonismos ancorados nas contradições próprias da sociedade capitalista. (...) É no século XIX, no contexto da Revolução Industrial, do desdobramento da grande indústria e da organização da classe trabalhadora (em sindicatos e partidos proletários), que lutava por melhores condições de vida e trabalho, que é colocada a “questão social” propriamente dita, vinculada à emergência do pauperismo e do perigo que ele significava para a ordem burguesa (PASTORINI, 2010, p. 114).

Na sua relação com as expressões da Questão Social, o racismo também se alimenta das históricas desigualdades gestadas no interior da lógica capitalista de produção eminentemente destrutiva e excludente, reprodutora da miséria e da exclusão, nutrida nos contrastes na distribuição da riqueza socialmente produzida (GONÇALVES; SOUZA; SILVA, 2019).

O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que “ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Neste caso, além das medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2018, p. 38).

Portanto, a compreensão das diversas expressões que a Questão Social assume na vida dos indivíduos, as formas de organização da sociedade na luta pelos seus direitos e as respostas dadas através das políticas sociais têm, a cada dia, maior pertinência para o agir profissional do Serviço Social (GONÇALVES; SOUZA; SILVA, 2019).

4 RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO

4.1 Contribuições do Serviço Social para o debate entre a Questão Social e a População Negra

O Serviço Social se integra historicamente ao processo que envolve as relações sociais nas mudanças que fazem parte da sociedade burguesa, inserindo-se na classe trabalhadora e envolvendo-se nas suas lutas, bem como mostrando suas dificuldades, além de lutar para mitigar as necessidades existentes, a fim de trazer soluções por meio de trabalhos que emancipem a população (YAZBEK, 2018).

Segundo (Iamamoto, 2017), na década de 1930, o Serviço Social surgiu no Brasil com fortes ligações com a igreja católica, tendo, entre os anos de 1936 a 1945, a criação e expansão das escolas de Serviço Social com predominante

influência da igreja católica. De acordo com o (CRESS-GO, 2017), a partir de 1957 ocorreu a regulamentação da profissão do Serviço Social, através da lei nº 3.252, ficando assim, socialmente reconhecida. A atualização do Serviço Social brasileiro se deu a partir de 1993, quando a categoria se voltou para um projeto profissional mais radical e crítico, aproximando-se das teorias marxistas a partir de princípios humanistas (CRESS-GO, 2017).

No Brasil, a institucionalização da profissão aconteceu entre as décadas de 1930 e 1940, a partir de processos políticos e sociais como a intervenção do Estado no processo econômico e o fortalecimento da Igreja através da Ação Católica Brasileira.

Quanto ao Serviço Social e ao trabalho do Assistente Social (IAMAMOTO, CARVALHO, 1995 p.19) afirmam que “O surgimento e desenvolvimento dessa instituição são vistos a partir do prisma da ‘questão social’”, e ainda apontam:

A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção, mais além da caridade e repressão (IAMAMOTO; CARVALHO, 1995 p.77).

Nesse aspecto, ao fazer um panorama da intervenção do Estado, nota-se que essa intervenção dependerá muito das características socioculturais de cada país, bem como do momento histórico, na chamada Questão Social. Conforme Kowalski e Gaivizzo (2004), a Questão Social dos países capitalistas, entre as décadas de 40 e 70, era fruto do reconhecimento de um conjunto de direitos sociais que estavam relacionados ao universo do trabalho, os quais faziam parte do Estado de Bem-Estar Social. Conforme os mesmos autores, essa realidade já é diferente quando se trata de países que tiveram o capitalismo de forma tardia, principalmente os da América Latina, isso porque a concretização desse sistema de bem-estar só ocorreu vinte anos mais tarde, ou seja, a partir da década de 1970.

Apesar de ocorrer de forma tardia, essas mudanças trouxeram contribuições para o Serviço Social na América Latina, as quais foram decisivas nos caminhos que a profissão seguiria, entre elas a mudança do debate das relações sociais nos marcos do capitalismo, desintegrando o vigente processo de Metodologismo¹, e

¹Metodologismo: O exagero de teorias sobre o método, resultantes da intersecção do cientificismo positivista com o hegelianismo que levam à predominância do *knowhow* sobre o *knowthat*. O método, a procura do conhecer o conhecimento, transforma-se numa ideologia, como acontece com o estruturalismo sistemista e em

fazendo agora imperar o Movimento de Reconceituação, trazendo, nesse sentido, visibilidades à luta da população para que houvesse garantias de direitos sociais, ou seja, transformando a política social como um espaço de luta (FALEIROS, 1990).

No Brasil, algumas mudanças ocorreram entre as décadas de 1980 e 1990 que modificaram bastante a esfera social.

No Brasil, o debate instaurado em torno da profissão, e sobre a relação visceral entre Serviço Social e política social, floresceu e aprofundou-se significativamente ao longo das duas últimas décadas do século 20 e consolida-se no início do século 21. Isso pode ser explicado pela alteração nos sistemas de proteção social brasileiros, após o retorno do país ao Estado de Direito, em 1985. Período de intensa mobilização de segmentos da sociedade civil, no sentido de ampliar e garantir direitos em setores de ponta, ou seja, o núcleo duro da política social – saúde, previdência e assistência – e de forte investimento nos marcos profissionais, para expandir os saberes sobre a relação entre questão social e política social. Estabelece-se um amplo processo de produção de conhecimento em torno da política social, que tem se constituído em um pilar central na consolidação do Serviço Social como área de conhecimento no campo das ciências sociais (MIOTO; NOGUEIRA, 2013, P.62).

Portanto, o universo de atuação dos profissionais do Serviço Social é bastante amplo e pode trazer resultados positivos em suas intervenções na vida da população que sofre diretamente com os impactos causados pelo sistema de exploração capitalista, o qual traz privilégios para uma classe e a torna dominante, em detrimento de uma classe que é oprimida, tornando-a dominada. Assim, as relações do Serviço Social com as expressões da Questão Social aparecem a partir do momento em que estas se reproduzem resultantes da contradição capital trabalho, que permeiam a ótica e o ideal capitalista (SANTOS; MOURA; MARCHESI, 2019).

De acordo com Iamamoto (2004, p.11) os profissionais do Serviço Social atuam "na transversalidade das múltiplas expressões da Questão Social, na defesa dos direitos sociais e humanos e das políticas públicas que os materializam". Corroborando, Mioto e Nogueira (2013), afirmam que o trabalho que é desenvolvido pelos profissionais do Serviço Social, independentemente de ser no âmbito de formulação, gestão ou execução de políticas sociais, são peças-chaves para que as políticas públicas sejam de fato institucionalizadas, as quais se enquadram no campo de garantias de direitos sociais, bem como efetivação do projeto ético-político da profissão.

As estatísticas de cor ou raça produzidas pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de tornar-se uma democracia racial. Em média, os negros têm as maiores taxas de analfabetismo, sofrem mais com desemprego e possuem as maiores taxas de crianças que trabalham. Além disso, quando se trata de pessoas ocupando cargos mais elevados, a diferença percentual é gritante, o que já aponta para outra categoria que poderia ser abordada, a de maiores salários. Esses dados estão dispostos no quadro abaixo:

Quadro 1: Reflexos de uma sociedade racista

Categorias	Pretos ou Pardas	Brancos
Crianças de 5 a 7 anos que trabalhavam	63,4%	35,8%
Analfabetismo	9,9%	4,2%
Taxa de desocupação	28,1%	9,5%
Pessoas ocupadas em cargos gerenciais	11,9%	85,9%

Fonte: IBGE, 2018.

Além da pesquisa supracitada, outra pesquisa também realizada pelo IBGE traz outros dados alarmantes, agora a constatação está no informativo: *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*, divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2019, que aponta outras categorias. Contudo, o cenário apresenta algo em comum, que é o fato da população negra ser sempre a prejudicada. Segundo o IBGE (2019), quem possui os menores rendimentos são os negros, são eles também que apresentam as maiores taxas de desocupação ou subutilização. Além disso, as taxas das pessoas que vivem em condições precárias em sua maioria são negras, seja em relação à falta de coleta de lixo, ou a não ter esgoto sanitário. Conforme exposto no quadro abaixo:

Quadro 2: Reflexos das desigualdades sociais

Categorias	Pretos ou pardas	Brancos
Menor rendimento	75,2%	23,7%,
Desocupação e subutilização	29%	18,8%
Não tinha coleta de lixo	12,5%	6%
Não tinham esgotamento sanitário por rede coletora pluvial	42,8	26,5%

Fonte: IBGE, 2019.

A partir desses dados, percebem-se várias expressões da Questão Social e em todas elas há a prevalência dos negros, ou seja, o racismo está dentro de todas essas expressões de forma mais acentuada. Esses dados são, na verdade, uma resposta da sociedade de quanto os negros são excluídos, menosprezados e colocados à margem da sociedade. Nesse sentido, fica evidenciado o quanto os negros são massacrados e o quanto o racismo é presente neste século, mostrando que os negros continuam sendo exterminados, porém, agora, com outros mecanismos.

Destaca-se que os dados são expostos e não há uma comoção por parte da sociedade e isso tudo faz parte de um sistema que favorece essa neutralização, o Estado propaga um ambiente silencioso. Na realidade, o que está sendo ensinado é adaptar-se à realidade. Contudo, é preciso existir um enfrentamento da realidade. Para que ações sejam visíveis, primeiramente o racismo precisa ser visível, a fim de que as ações sejam diretas e eficazes. Ações políticas que tragam contribuições para mitigar situações de desigualdades e vulnerabilidades étnico raciais e, para isso, é preciso reconhecer o racismo.

Nesse sentido, o combate ao racismo não deve ser restrito ao campo acadêmico, mas deve ser levado às demais instâncias da sociedade, afinal, esse elemento é estruturante das relações sociais. Apesar de partir do ponto de vista de que o racismo antecede o capitalismo, não se pode negar o quanto esse sistema impacta na vida da população negra e contribui para manutenção da estrutura racista. Uma sociedade que não pensa no racismo está direcionada ao erro. O racismo perpassa diversas esferas através de certas práticas invisíveis, muitas vezes não reconhecidas como desigualdades e ações discriminatórias, ao passo que são colocadas como naturais, mas não são.

Racismo é uma relação de poder e essas relações colocam uma hierarquia, na qual os brancos são superiores aos pretos, ou seja, superioridade de um povo em detrimento do outro. Para essa lógica, há uma compreensão de incapacidade de exercer poderes a depender da sua cor. Mais precisamente, no pensamento racista, os negros são incapazes de exercer determinadas atividades por serem negros. Por isso, é tão importante proporcionar ao povo negro alternativas que gerem empoderamento, a fim de gerar crescimento, igualdade e a possibilidade de demonstrarem que estão além dos preconceitos em função de sua cor de pele.

Afinal, os negros estão presentes nas estatísticas de desemprego, assassinatos, analfabetismo, entre outros, sempre em maior proporção. Nesse sentido, o Assistente Social é chamado a intervir nas expressões da Questão Social, enfrentadas, em sua maioria, como mostram as estatísticas, pela população negra que vem sofrendo por muito tempo com os problemas sociais advindos da colonização e do sistema capitalista. Por isso, é muito relevante que os profissionais do Serviço Social tenham uma apreensão crítica da realidade e estejam dispostos a lutar pelo direito das classes mais vulneráveis. Para tanto, se faz necessário conhecer seus limites e possibilidades, a fim de que não sejam negligentes em sua prática profissional. Além disso, devem apropriar-se dos conhecimentos acerca das questões étnico raciais e atuar por meio da pesquisa na produção de conhecimentos, assim como na administração, planejamento, supervisão, consultoria e gestão das políticas, programas e projetos na área social.

Assim, os profissionais do Serviço Social precisam se comprometer com o projeto ético político da profissão que busca a emancipação dos sujeitos e a luta contra toda forma de preconceito e discriminação e ser atuantes nessa luta de classes, ao passo que possam contribuir para a construção de novos direitos, além de promover a efetivação dos direitos já garantidos, sobretudo, no que diz respeito às questões étnico raciais, uma vez que a população negra sofre, com mais intensidade, os problemas decorrentes desse modelo de sociedade e precisa de que suas pautas ganhem mais visibilidade, suas bandeiras sejam levantadas e suas demandas atendidas, a fim de caminharmos para uma sociedade mais justa e igualitária, com contribuições como politizar as ações, assegurar os direitos e não se sujeitar às práticas opressoras do Estado e da sociedade racista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho acadêmico teve como objetivo geral analisar as contribuições do Serviço Social para o debate entre a Questão Social e a população negra. Além disso, identificou o contexto histórico da Questão Social no Brasil, compreendeu o racismo enquanto problema estrutural e observou a atuação do Assistente Social na relação entre a Questão social e o racismo. Para que esse trabalho fosse possível, fez-se um estudo bibliográfico utilizando autores renomados, independente do ano de publicação, e artigos publicados nos últimos cinco anos.

Em tempo, destaca-se a importância de estudar temas que tragam esse debate entre Questão Social e população negra, para tal, há uma necessidade de estudar o passado para compreender o atual cenário. Desse modo, identificar particularidades da formação social no Brasil contribuiu para entender os contextos da Questão Social. Logo, esse trabalho trouxe indícios de que a relação com o regime de trabalho impactou bastante nas formas precárias de trabalho, no desemprego, entre outros aspectos, evidenciando que as pessoas não estavam desempregadas porque queriam, mas sim porque essa situação era produto da Questão Social. Assim, esses aspectos são preocupantes e precisam ser debatidos.

Conforme o estudo realizado, a Questão Social se trata de um fenômeno que foi resultado do modo do sistema de produção capitalista, ou seja, a partir desse sistema, surgiram as expressões das desigualdades sociais. Esse sistema em sua razão de ser implica em desigualdades, uma vez que duas classes são formadas: opressor e oprimido. E nesse contexto surge a luta da classe trabalhadora buscando melhores condições de vida e de trabalho.

No Brasil, durante alguns séculos, o modelo de trabalho era outro e o capitalismo chegou de forma tardia, contudo, desde o momento que foi implantado na nossa nação trouxe consequências desastrosas, as quais duram até os dias atuais. Foi devido a esse sistema que surgiram as expressões da Questão Social, que podem ser vistas em vários seguimentos da sociedade (gênero, ambiente, emprego, distribuição de renda) de modo que o capitalismo escolhe quem vai ter direito à cidadania, ou seja, os direitos e igualdades que são para todos, nesse sistema, as pessoas que mais trabalham são as que menos usufruem da cidadania.

Além disso, percebeu-se que o racismo estava contido nas expressões da Questão Social, e nesse contexto, buscou-se investigar o racismo, uma vez que a população negra tem sofrido muito com desigualdades que foram também desenvolvidas devido à lei de acúmulo de capital. Por isso, entende-se que o racismo não é uma expressão da Questão Social, mas sim um fenômeno que faz parte dela. Para compreender melhor esse raciocínio é preciso entender o racismo enquanto um problema estrutural.

A partir das reflexões apresentadas neste trabalho, de forma sucinta, foi percebido como o Brasil foi colonizado. Devido à forma como os colonizadores entenderam que os povos nativos (indígenas) se comportavam em questões de trabalho, as quais eram diferentes das esperadas, então deram início à escravidão

nesta nação, traficando povos africanos. Assim, os negros são tratados como pessoas inferiores e que merecem ser explorados como mercadorias, trazendo; desta forma, a evidência de que o racismo é consequência da escravidão. Portanto, entende-se que a sociedade brasileira se estruturou em uma concepção racista. Desde o início do Brasil, o racismo já estava presente, tornando o negro inferior, sem direitos a exercer poder, sem condições de viver com dignidade e consequentemente com ascensão dos brancos.

Mediante a todo o exposto, surge a necessidade de trazer para esse debate contribuições que o Assistente social pode praticar/ter. Entendendo que faz parte do Serviço Social estudar os processos das relações existentes na sociedade, bem como é sua razão de ser, envolver-se nas lutas da sociedade, mostrar suas dificuldades, desigualdades e formas de mitigar as necessidades. É neste sentido que os profissionais do Serviço Social atuam na busca de trazer benefícios para a sociedade.

Por isso, é importante conhecer o que é e como se comportam as expressões da Questão Social, assim como entender a forma que o racismo nasceu na nossa nação, a fim de relacionar esses dois fenômenos e entender como a população negra tem sido massacrada diante da Questão Social, devido ao racismo estrutural aliado à lei de acúmulo de capital, uma vez que é possível ver questões étnico raciais nas mais variadas expressões da Questão Social, entre elas, desemprego, distribuição de renda, analfabetismo. Assim, é importante mostrar caminhos para mitigar essas manifestações, como reafirmar o compromisso com o projeto ético político da profissão, dar visibilidade à causa racial e buscar a efetivação dos direitos, não se sujeitando às práticas do Estado e da sociedade racista.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **O que é Racismo Estrutural?** Letramento. Belo Horizonte, 2018.
- ALMEIDA, R. A. G. S. Notas introdutórias para o estudo das bases ontológicas da “questão social”. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019.
- COSTA, M. P. G.; SALES, L. A. S. F.; BARCELLOS, W. S. O agravamento das expressões da questão social e o desmonte das políticas no contexto neoliberal. **CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 27, 2018.
- CRESS-GO. **O que é Serviço Social**. Disponível em: [HTTPS://www.cressgoias.org.br/servico-social/0-que-e-servico-social](https://www.cressgoias.org.br/servico-social/0-que-e-servico-social). Acesso em: 10 mai. 2021.
- DAMASIO, A. M. O projeto social como resposta à questão social. In: **4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais**. Minas Gerais, 2016. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/48704632-O-projeto-social-como-resposta-a-questao-social.html#:~:text=9%209%20O%20projeto%20social,enfrentamento%20da%20chamada%20quest%C3%A3o%20social.>> Acesso em: 09 mar. 2021.
- FALEIROS, V. P. **A política social do Estado capitalista**. São Paulo: Cortez, 1990.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GOES, J.C. *et al.* O debate da Questão Étnico Racial no curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, COPENE**, 2018.
- GONÇALVES, A. M.; SOUSA, T. R.; SILVA, P. C. Racismo: estrutural ou expressão da questão social? Elementos para o debate. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019.
- IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001
- IAMAMOTO, M. V. **80 anos do Serviço Social no Brasil: a certeza na frente, a história na mão**. In: **Serviço Social e Sociedade**. Nº 128. São Paulo, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-66282017000100013&script=sci_arttext> Acesso em: 09 mai. 2021.
- IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social, “questão social” e trabalho em tempo de capital fetiche**. In: RAICHELIS, R. et al. (orgs.) A nova morfologia do trabalho no Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2018.
- IAMAMOTO, M. V. A produção de Conhecimento em Serviço Social no Brasil. In: Encontro nacional de pesquisadores em serviço social (ENPESS) IX, 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2004.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 10º ed. São Paulo: Cortez, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece**. 2018. Disponível: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em: 10 mar. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, ISBN 978-85-240-4513-4, IBGE, 2019. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Somos todos iguais: o que dizem as estatísticas. **Revista Retratos do IBGE** N. 11 MAI 2018. ISSN 2595-0800

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de marketing**. 14. ed. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

KOWALSKI, Aline Viero; GAIVIZZO, S. B. As Novas Expressões da Questão Social no Brasil no Contexto do Capitalismo Mundial. **Anais do IX ENPESS** - Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, T. C. S. Determinações do racismo no mercado de trabalho: implicações na “questão social” brasileira. Determinations of racism in the job market: implications in brazilian “social issue”. Brasília (DF). **Revista Temporais**. Ano 14, n. 28, p. 113-132, jul./dez. 2014.

MIOTO, R. C. T.; NOGUEIRA, V. M. R. Política Social e Serviço Social: os desafios da intervenção profissional. **Revista Katálisis**, v. 16, n. SPE, p. 61-71, 2013.

NETTO, J. P. Uma face contemporânea da barbárie. **Revista Novos Rumos**, v. 50, n. 1, 2013.

PASTORINI, A. **A Categoria “Questão Social” em Debate**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTEL, E. As bases ontológicas da questão social. **Boletim do Tempo Presente**, n. 11, 2016 - ISSN 1981-3384

RAICHELIS, R. Polêmicas teóricas na análise marxiana do trabalho no Serviço Social. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, p. 154-170, jan./jun. 2018.

RESPUBLICA – **Repertório Português de Ciência Política**. Edição eletrônica 2004.

Disponível em:

http://maltez.info/respublica/Cepp/conceitos_politicos/metodologismo.htm. Acesso em 09 de maio de 2021.

SANTOS, K. F. dos. **A população negra e a Formação Profissional em Serviço Social da Universidade Federal De Santa Catarina: Questão Racial no Projeto Político Pedagógico, a Grande Ausência**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social). 2016.

SANTOS, J. S. **Particularidades da “questão social” no capitalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 217f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, 2008.

SANTOS, J. S. **Questão social: particularidades no Brasil**. São Paulo: 1ed. Cortez, ISBN 978 85 249 25 61, 2017.

SANTOS, W. M. D.; MOURA, K. V.; MARCHESI, E. M. Adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas: um estudo do perfil dos adolescentes no município de Serra/ES. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUSA, E. A. et al. O legado da organização dos trabalhadores frente a precarização: aproximações sobre as expressões da luta de classes. **VII Congresso Nacional de Educação, CONEDU**, 2020.

TAQUETTE, S. R.; MINAYO, M. C. S. Características de estudos qualitativos conduzidos por médicos: revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 20, n.8, p. 2423-2430, 2015.

YAZBEK, M. C.; RAICHELIS, R.; SANT'ANA, R. Questão social, trabalho e crise em tempos de pandemia. **Serviço Social & Sociedade**, n. 138, p. 207-213, 2020.

YAZBEK, M. C. Serviço Social, Questão Social e Políticas Sociais em tempos de degradação do trabalho humano, sob o domínio do capital financeiro. **Serviço Social em Revista**, v. 21, n. 1, p. 183-194, 2018.